



Pelé

70 anos

Uma homenagem de
Toninho Cury
ao atleta e aos
fotógrafos que
registraram momentos
mágicos do "Rei".

Com o auxílio
do cronista
esportivo
Benedito Ruy
Barbosa, em
1961 Pelé
escreve o livro
"Eu sou Pelé".

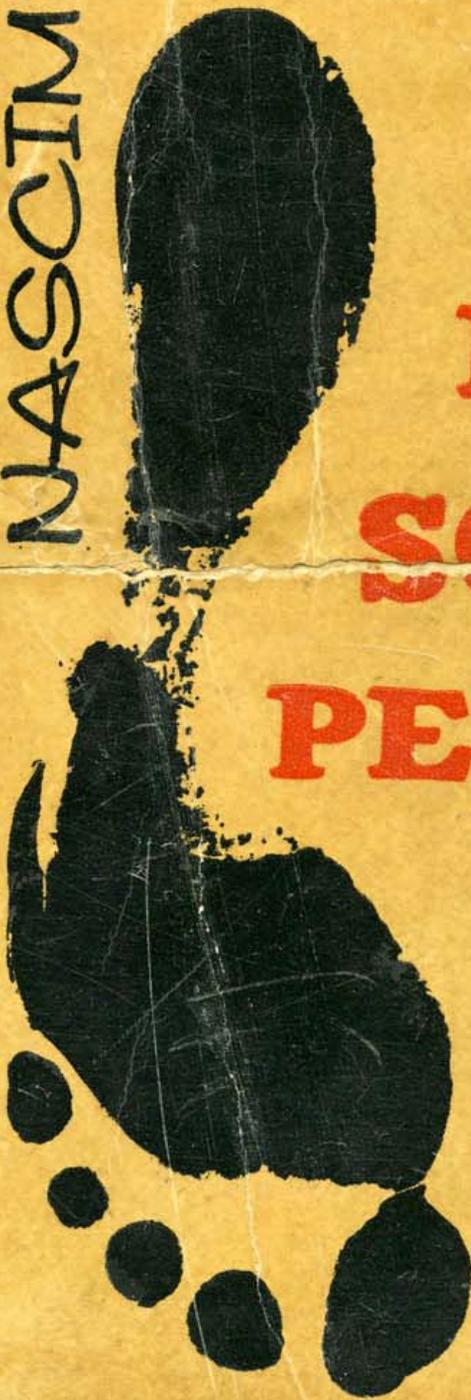
Editora: Paulo de
Azevedo Ltda.

Capa e ilustração:
Cyro del Nero

A seguir
reprodução das
páginas com a
apresentação
feita por
Benedito Ruy
Barbosa.

EDSON
ARRANTES DO
NASCIMENTO

EU
SOU
PELÉ





Reprodução
do livro
"Eu sou Pelé"

meu amigo pelé

apresentação de benedito ruy barbosa

Quando conheci Pelé, era êle apenas um negrinho magro, espigado, ainda com aquêlo olhar assustado de menino do interior, maravilhado com as novidades de uma cidade como Santos, que tinha até mar e praia, para os seus folguedos. Não era, contudo, e apesar dos seus quinze anos de idade, um garôto medroso. Sempre o vi olhando os outros de frente, de cabeça erguida, numa demonstração de auto-confiança que me impressionou desde a primeira vez em que o entrevistei, para o jornal em que trabalhava naquela ocasião, a ÚLTIMA HORA.

— Como você se chama?

— Pelé.

— Pelé?!

— Não. Meu nome é Edson Arantes do Nascimento. Pelé é apelido!

— De onde veio?

— De Bauru. Sou filho do Dondinho!

— Que Dondinho?

O sorriso desapareceu dos lábios do negrinho. Fêz cara de desapontamento:

— O senhor é repórter esportivo?

— Sou.

— E não conhece Dondinho, meu pai?

Confessei que não conhecia. Pelo menos não me lembrava de nenhum jogador, com aquêlê nome. Naquela tarde, o menino Edson falou mais do pai do que dêle mesmo, fugindo, inclusive, do assunto da entrevista que eu queria fazer. E falou com tanta paixão e com tanta ternura, que logo percebi estar diante de um menino diferente. Para êle, naquele momento, Pelé não era assunto. Dondinho era. E êle falou apenas de seu pai, craque do Bauru Atlético Clube, que não teve a sorte que merecia, pelo futebol que jogava.

— Seu pai ainda joga?

— Não. Tem um joelho estragado!

O menino Edson subiu como rojão, tornou-se conhecido em todo o Mundo, embasbacou as platéias dos mais famosos estádios de futebol, encheu de orgulho a gente de Três Corações, onde êle nasceu, e a de Bauru, onde foi criado. Propagou o nome do Brasil pelos quatro cantos da Terra, fêz-se ídolo dos brasileiros, conquistou o carinho e a simpatia de povos de outros países, virou notícia, virou lenda, virou "Deus" para os amantes do futebol.

Não mudou nada, porém. Continua o mesmo negrinho simples, alegre e brincalhão daqueles seus primeiros dias em Santos. Apenas deixou de chamar muita gente de "senhor", pois, aos amigos, se pode tratar por "você". E êle se faz amigo, e bem depressa, daqueles que com êle convivem à miude, como acontece, geralmente, com cronistas esportivos como nós.



Reprodução
do livro
"Eu sou Pelé"



Reprodução
do livro
"Eu sou Pelé"

No dia em que Pelé marcou aquele golão, contra o País de Gales, no Campeonato Mundial realizado na Suécia, em 1958, fiquei conhecendo seus pais, Dondinho e D. Celeste, sua avó D. Ambrosina, seu tio, Jorge, e seus irmãos, Zoca e Maria Lúcia. Nem bem o jogo terminara, e já estava eu a caminho de Bauru, enviado pelo jornal onde trabalhava, com a tarefa, proposta por mim mesmo, de fazer uma ampla reportagem sobre a família de Pelé, sobre o ambiente onde crescera o mais jovem craque participante da Copa do Mundo (que já começava a se mostrar terrível goleador), sobre a alegria que deveria estar reinando na cidade, em razão dos sucessos do seu filho adotivo.

Depois daquilo, voltei várias vezes a Bauru, inclusive quando do regresso do "menino ídolo" à sua terra, após o memorável feito da Seleção de Ouro, na Suécia. Presenciei toda aquela vibração popular, todo o delírio dos bauruenses e toda a emoção vivida pelos familiares de Edson, que viam o filho retornar à cidade como seu autêntico herói.

Pelé fôra engraxate em Bauru, moleque de rua, briguento, "matador" de aulas no Grupo Escolar, "capitão" natural de quase todas as "peladas" de sua época. E foi como tal que ele voltou, ou melhor dito, foi o mesmo garoto humilde, modesto e risonho que os bauruenses viram chegar de volta, naquela tarde de festas.

Como todo e qualquer cronista de futebol do Brasil, tenho escrito muito sobre esse menino fenômeno. Nem sei quantas vezes o entrevistei, quantas reportagens e quantos comentários e crônicas tenho feito a seu respeito. Ele tem sido assunto, e bom assunto, desde que começou a botar as manguinhas de fora, no primeiro quadro do seu clube, o Santos. Tive oportunidade, inclusive, de passar dois meses seguidos viajando com a

delegação santista, pelas Américas. Foi quando iniciamos, Pelé e eu, este livro "Eu Sou Pelé".

A idéia nasceu de um roteiro que estávamos escrevendo, para um filme sobre a vida de Edson. Ele começou a me contar passagens da sua vida, na infância, da vida dos seus familiares, narrando episódios pitorescos que logo me entusiasmaram. Falava como se estivesse revivendo aquelas cenas tôdas, com uma riqueza de detalhes impressionante.

— Você poderia ser um bom escritor, se não tivesse sido tão preguiçoso na escola! — comentei, pilheriando.

Ele riu:

— Quando eu parar de jogar bola, vou escrever um livro!

— Por que "quando parar?..." Escreva agora!

— Você me ajuda?

— Ajudo!

E assim começou a história de "Eu Sou Pelé". Daquele momento em diante, fui anotando tudo o que Pelé contava, procurando manter, no texto que ia nascendo, o mesmo sabor da sua narrativa. E ele fiscalizava tudo, lia página por página, corrigindo nomes, dando maiores detalhes, lembrando novos fatos relacionados com cada episódio, procurando enriquecer, ainda mais, a sua história.

Para terminar o livro, tive que voltar a me encontrar com o seu autor várias vezes, nas concentrações do Santos, na Vila Belmiro, na pensão de D. Georgina, onde ele mora, em tôdas as partes, enfim, onde fôsse possível trabalharmos. Até gravações fizemos, de suas narrati-



Reprodução
do livro
"Eu sou Pelé"



Reprodução
do livro
"Eu sou Pelé"

vas, para que eu, depois, ao passar tudo para o papel, não me esquecesse de nada.

Assim foi escrito este livro.

Nêle tudo é Pelé. Ajudei o autor, sem desfigurar seus pensamentos, suas afirmativas, coordenando a história, dando-lhe uma seqüência lógica que nem sempre Pelé obedeceu. Não houve a mínima preocupação de se criar uma obra literária. É só a narrativa de uma vida, por aquêle que a viveu.

O aluno Edson Arantes do Nascimento em foto para o Grupo Escolar.



Foto no livro
"Eu sou Pelé"



Foto no livro
"Eu sou Pelé"

A 1ª camisa e a primeira chuteira
de verdade usadas por Pelé.
Aqui o garoto é fotografado no
Ameriquinha de Bauru.

Copa de 1958.

Foto: Agência Estado



É campeão!
Garrincha, Nilton Santos, Pelé e
Gilmar comemoram a vitória.

Copa de 1970.
Pelé comemora o gol contra a
Tchecoslováquia.



Foto: Lemyr Martins
Abril Imagens

05/08/1973 - Santos x América de Rio Preto.
Último jogo de Pelé na cidade.

Foto: Domício Pinheiro



Existia uma borracharia atrás do Estádio Mário Alves Mendonça. Durante o jogo, alguém colocou fogo em pneus velhos provocando uma grande fumaça negra. A torcida nas arquibancadas próximas, assustada, veio para cima do alambrado. Pelé parou o jogo e foi pedir calma às pessoas.

Em São José do Rio Preto, Pelé segura um exemplar do Diário da Região, ao lado de Amaury Jr., na época colunista do jornal.

Foto: Kharfan



Esta foto está no livro:
"Avenida da Saudade - O América de
Rio Preto na era Pelé", de
Milton Rodrigues.

Foto: Jaime Colagiovanni

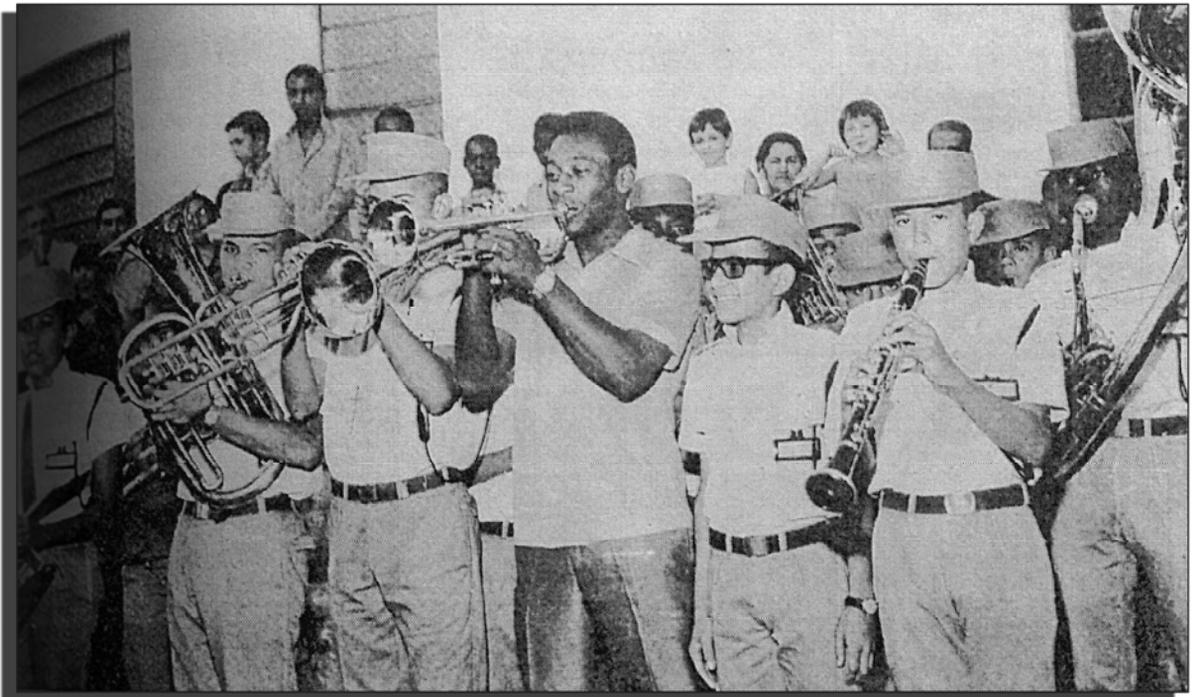


Imagem rara: em passagem por São José do Rio Preto, Pelé toca com a banda da ARPROM, para delírio dos meninos "guardinhas".



Domício Pinheiro, o
fotógrafo que mais
fotografou Pelé.



Foto: Domicio Pinheiro

A foto preferida de Pelé e do fotógrafo Domicio Pinheiro. Esta imagem marcou a carreira do fotógrafo que mais fotografou Pelé.